

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

O QUE LIONEL SHRIVER FALA SOBRE KEVIN? A PERSPECTIVA DA AUTORA SOBRE A PSICOPATOLOGIA EM SUA OBRA *PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN*

Bruno Crepaldi (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (docente do Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo - LIEPPFEX, Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo – GEFEX, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra45673@uem.br

Palavras-chave: Existencialismo. Jean-Paul Sartre. Literatura. Biografia. Relações familiares.

INTRODUÇÃO

As origens e formas de tratamento de transtornos psíquicos, inclusive, os graves, sempre foram focos de estudos da psiquiatria médica como também da psicologia. Complicações psíquicas também são abordadas na literatura, filmes, obras artísticas etc., como no livro *Precisamos falar sobre Kevin*, de autoria de Lionel Shriver, publicado em 2003. Nesta obra, Shriver produz uma trama cuja condição dos protagonistas não se aparta de acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos: o massacre na Columbine High School, ocorrido em 20 de abril de 1999, e um dos maiores atentados terroristas da história recente, coordenado pela al-Qaeda (organização fundamentalista islâmica), ocorrido em 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque.

Precisamos falar sobre Kevin (2003) é uma obra constituída por um conjunto de cartas que a mãe de Kevin, a personagem Eva, escreve para o pai dele, Franklin, tentando se recordar dos principais acontecimentos que pudessem justificar a ação do filho: um massacre em uma escola de ensino médio. Na construção da narrativa, vemos a autora se debruçar sobre temas como a cobrança social da maternidade, as responsabilidades nas ocorrências de atentados, as características de sujeitos com transtornos psíquicos, as relações familiares e sociais, entre outros que parecem relevantes para o momento histórico em que ela escreve.

Sartre (2002) compreende que o trabalho de um escritor “não se ilumina a não ser em relação a uma hierarquia de significações futuras (isto é, de fins), das quais cada uma serve de enquadramento à precedente e de conteúdo à seguinte” (p. 120). Além disto, para este filósofo, a origem da realidade se dá na dialética, “como uma resultante do confronto entre

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

projetos, [...] na relação dos homens com a natureza, com as ‘condições de partida’ e nas relações dos homens entre si” (p. 82). O que Sartre nos pontua é que a obra de um escritor contém sentidos futuros que buscam superar um passado, e que essa obra é produzida por meio de sua relação dialética com o mundo. Quando socializada, o sentido que o autor dá à sua obra pode ser superado por outras pessoas. Essas, por sua vez, podem atribuir-lhe novos sentidos, em consonância com seus projetos. De igual maneira, as relações humanas e das pessoas com o campo sociomaterial ocorrem dialeticamente. Cada pessoa experiencia singularmente o campo universal, e este campo é produzido pela tensão entre os projetos, os quais são também produzidos por aquele campo.

Compreendendo esse movimento dialético pelo qual nos edificamos como sujeitos e construímos a história, nosso objetivo de pesquisa foi o de desvelar como Lionel Shriver compreende o tecimento da relação entre membros de uma família que possui uma pessoa com um transtorno psíquico, como também o sentido que dá para essa condição de complicação psicológica. Sentidos que a autora materializou em obra.

CAMINHOS PERCORRIDOS

A pesquisa tem caráter teórico-conceitual e investigativo. O caminho que percorremos foi inspirado no método dialético de Sartre. Para ele (2002), a dialética ocorre por um duplo movimento na relação entre o indivíduo e o mundo: o primeiro apreende o mundo, o significa e age sobre ele modificando a condição anterior. Por este movimento de interiorização do exterior e de exteriorização do interior é que construímos o campo sociomaterial, a história, e somos construídos também por ela, como mencionado. Isto significa um movimento dialético que também realizamos na dimensão temporal, considerando que em todas as nossas escolhas, que ocorrem na condição presente em que nos situamos, há o lançar-se a um futuro que ainda não existe para que seja superado aquilo que já foi (passado/história). A síntese desse movimento pode ser percebida nos resultados de nossas ações.

À vista disto, as obras humanas são objetividades subjetivadas, assim como as pessoas têm sua subjetividade objetivada quando apreendem o mundo (o Ser) em sua respectiva época. Portanto, partindo de seu livro, buscamos desvelar os sentidos de Shriver à dimensão psicopatológica, construída na relação dialética com seu contexto histórico, político, cultural.

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

A PSICOPATOLOGIA NA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA SARTRIANA

Apoiamo-nos em Schneider (2002) para abordar o que propomos nesta parte. Esta autora menciona que a objetivação humana pode ser apreendida “na fala, no trabalho, nas ideias”, e que para compreendê-la “é preciso buscar as conexões compreensivas da vida psíquica, com destaque para a noção de ‘situação’ e de ‘realidade’, além do reconhecimento da ‘vida simbólica’” (p. 260). Assim, em consonância com Costa e Ramos (2018), Schneider analisa o fenômeno do adoecimento psíquico enquanto uma característica humana, ocasionada devido aos próprios questionamentos do sujeito sobre o seu ser, o que se diferencia do modelo biologicista que, segundo Holanda (apud COSTA; RAMOS, 2018), desconsidera características subjetivas e relacionais, reduzindo o transtorno aos fatores intrapsíquicos individuais.

Na psicopatologia existencialista, como nos lembra Schneider (2002),

[...] o aprisionamento no imaginário é uma forma da pessoa tentar lidar com sua relação com o mundo e com os outros, uma maneira de “buscar resolver” suas contradições de ser, acerca de quem é, de qual sua função no meio dos outros, da viabilização ou inviabilização de seu projeto. É uma tentativa que não é uma saída da problemática, uma superação das contradições, mas, justamente, por querer abafá-las, é um aprisionamento da pessoa em seus próprios “redemoinhos” (p. 271).

Portanto, a psicopatologia está relacionada com a maneira pela qual lidamos com o impedimento de nos realizar como sujeitos, conforme nosso projeto de ser. Encontramos obstáculos diante da tensão entre os projetos humanos e com o campo sociomaterial, e cada pessoa busca superá-los conforme suas condições emocionais, psicológicas, sociais, materiais etc.. No entanto, para algumas, as condições em que se inserem não são favoráveis. Schneider (2002), então, nos coloca que “a patologia é uma perturbação sempre psicofísica, que acontece enquanto movimento do sujeito no mundo, resultante de sua história de relações (p. 289).

ANÁLISE

No livro *Precisamos falar sobre Kevin* (SHRIVER, 2003), podemos verificar como era a vida dos pais de Kevin antes de nascerem seus filhos; como foi a decisão por terem um bebê; a relação da mãe com Kevin durante a gravidez e após seu nascimento; e inúmeras outras cenas em que Eva pretende demonstrar que Kevin, no entendimento dela, já teria

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

nascido com algum problema de personalidade. A autora ainda descreve problemas de Kevin com a fala, no desfralde e na falta de interesses sociais, e até mesmo com os próprios brinquedos. Shriver sugere enunciar o modo de ser de Kevin, tal qual descrito nos manuais de psiquiatria.

Os pais de Kevin são apresentados como sendo um o oposto do outro, tanto em questões ideológicas quanto em suas personalidades, e quase sempre não conseguiram chegar a um consenso para a educação do filho. Schneider (2002) coloca que, para Sartre, a família é um grupo primário que medeia a criança com a sociedade. No entanto, isso não significa que o projeto de ser dos filhos seja determinado pelas relações familiares. Esses se inserem em outros grupos sociais, apreendem outros sentidos e percebem diversos comportamentos para além daqueles que interiorizam em seu ambiente familiar. Ademais, tanto os filhos quanto os pais, como qualquer ser humano, é um projeto de Ser, e podem negar o projeto que fizeram para eles. Shriver descreve Kevin como alguém que apreendeu e reagiu com violência à tensão do casal, porém, apresenta também diversas outras situações que poderiam ser definidas como “causas” do problema vivenciado pelos membros daquela família.

Durante a narrativa, o leitor se depara com algumas ambiguidades com relação ao modo de ser de Kevin: ao mesmo tempo que a autora parece estereotipá-lo como um psicopata, considerando que ele nos é apresentado como alguém que não se importa com os sentimentos dos outros, também é possível apreender um Kevin ansiando por existir para o outro.

Além disto, a autora sinaliza, por meio de Eva, que muitas famílias acreditam que ter um outro filho “normal” pode amenizar suas angústias, como se a relação com o filho “imperfeito” fosse compensada pela relação com o filho “perfeito”. O que percebemos aqui é Shriver apontando para o projeto de um filho que nascerá com a responsabilidade de “consertar” os problemas da família. No entanto, Schneider (2002) menciona que “A personalidade é resultante, assim, de um processo de mediações sociais. É no meio dos outros, tecido e retocado nas malhas do conjunto sociológico, que o sujeito vai definindo seu ser, sua identidade. A complicação psicológica é um ‘acidente’ nessa trajetória” (p. 292).

Em toda obra percebemos o destaque dado à relação entre Kevin e sua mãe. É uma relação narrada, pela autora, por vivências antagônicas: amor e ódio; importar e menosprezar; querer compreender, mas ao mesmo tempo julgar. Shriver, ao apresentar situações ambíguas, sem apontar claramente um posicionamento, deixa nas mãos de seus leitores as possíveis

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
05 a 06 de Maio de 2022

conclusões e julgamentos sobre a trama familiar e o Ser de cada personagem. Quem, afinal, é o responsável pelas tragédias? Kevin? Eva? O pai? A sociedade? Shriver nos apresenta um jovem cujas ações nos levam a antecipar, prematuramente, um diagnóstico de “psicopatia”, como mencionado, mas também nos faz pensar que esse pode ter sido um projeto de Kevin: ser reconhecido como capaz, como bom naquilo que fez, independentemente do fato que precisou arquitetar para demonstrar suas habilidades, chegando a consequências trágicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, podemos encontrar em uma obra de ficção muito do que é apreendido pela autora em suas vivências, pois ali estará a objetivação de suas subjetividades, sendo possível reconhecer questionamentos de uma época e de uma determinada cultura. Além disso, como foi apresentado, cabe também ao leitor dar novos sentidos àquilo que foi cristalizado pela autora em sua obra.

Por fim, sob a ótica dos conceitos teóricos do existencialismo, pudemos compreender com a análise da obra, considerando a dialética da autora com sua produção, que para entender como ocorre o adoecimento psíquico, é necessário compreender toda a teia das relações familiares, estando este grupo social primário situado em um campo sociomaterial com o qual também se relaciona. Na condição de nenhum indivíduo viver sozinho, podemos também considerar que ninguém adoce sozinho.

Referências

COSTA, I. I.; RAMOS, T. C. C. Primeiras crises psíquicas graves: o que a Fenomenologia pode dizer? **Estudos contemporâneos da subjetividade**, v. 8, p. 251-264, 2018.

SARTRE, J-P. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHNEIDER, D. R. **Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo da obra ‘Saint Genet: comédien et martyr’ de Jean-Paul Sartre**. Tese de Doutorado em Psicologia. PUC-SP, São Paulo, 2002.

SHRIVER, L. **Precisamos falar sobre o Kevin**. Tradução de Beth Vieira e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.